

“THE MYSTERY OF MARIE ROGÊT” DE EDGAR ALLAN POE: LITERATURA E SOCIEDADE NOS ESTADOS UNIDOS DO SÉCULO XIX

Fabiana de Lacerda VILAÇO*

- **RESUMO:** O objetivo deste artigo é apresentar uma reflexão sobre “The mystery of Marie Rogêt” [“O mistério de Marie Rogêt”], o segundo conto de detetive do escritor norte-americano Edgar Allan Poe (1809-1849), procurando evidenciar as contradições históricas sedimentadas em sua forma, especialmente aquelas relacionadas ao princípio do rigor formal, tão caro à obra do escritor, e à realização de tal princípio na forma desse conto específico e na sua representação no trabalho investigativo do detetive Dupin. O estudo desse conto é de interesse especial dentro da obra do escritor e do contexto da literatura produzida nos Estados Unidos em sua época, uma vez que representa uma inovação formal tanto em relação a obras de outros gêneros já existentes até então quanto em relação já ao primeiro conto de detetive escrito por Poe, “The murders in the rue Morgue” [“Os assassinatos na rua Morgue”]. É interessante também observar a permanência de diversos elementos característicos dessa forma em diversas manifestações artísticas até os dias de hoje, o que parece indicar também a permanência de importantes questões históricas surgidas naquele contexto histórico, de surgimento e desenvolvimento econômico e urbano nos Estados Unidos no século XIX.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Conto de detetive. Edgar Allan Poe. Literatura. Sociedade. Estados Unidos

Em um exercício interpretativo que tenha como objeto de estudo uma obra de Edgar Allan Poe, o tema do rigor formal é praticamente inescapável. O escritor dedicou boa parte de sua produção a defender intensamente a importância de princípios que caracterizariam uma boa obra, inclusive criando conflitos entre ele e outros escritores seus contemporâneos. Na primeira metade do século XIX, a literatura norte-americana ainda dava seus primeiros passos, e um grande número de escritores, jornalistas, editores de periódicos literários e organizadores de coletâneas realizava esforços a fim de definir a literatura do país, com um interesse especial em destacar aquilo que ela tivesse de genuinamente americano, diferenciando-a da literatura produzida na Inglaterra e na Europa como um todo. Tendo produzido

* USP – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo – SP – Brasil. 05508-900 – fabianavilaco@usp.br

sua obra nesse importante período cultural dos Estados Unidos, Edgar Allan Poe participou de intensos debates sobre a literatura, inclusive criticando importantes nomes desse movimento e seus procedimentos, que ele muitas vezes julgou como desonestos, e em diversos artigos descreveu aquilo que acreditava ser uma boa obra literária.

Um dos princípios mais essenciais para Poe era a unidade de efeito e de sentido. Em uma resenha sobre o livro *Twice-told tales* de Nathaniel Hawthorne, Poe (1985a, p.572) afirma que “em toda a composição, não pode haver nenhuma palavra escrita cuja tendência, direta ou indireta, não seja o plano previamente estabelecido”.¹ No famoso artigo “A filosofia da composição”, Poe (1985a, p.13) muito enfaticamente defende que “nada é mais claro do que todo enredo, digno do nome, deve ser elaborado em função de seu fechamento antes que qualquer outra coisa seja tentada com a caneta”, e ainda compara a rigidez formal de uma obra à precisão de um problema matemático. Em resenha escrita sobre um poeta inglês, Poe (1985a, p.148) define enredo da seguinte maneira: “enredo, definido propriamente, é aquilo de que nenhuma parte pode ser deslocada sem arruinar o todo. Pode ser descrito como um edifício tão dependentemente construído que mudar a posição de um único tijolo é derrubar toda a estrutura”. Poderíamos citar ainda diversos outros trechos de artigos, resenhas e até mesmo cartas em que o escritor declara com ênfase semelhante à desses excertos a necessidade da atenção ao rigor formal em uma obra literária digna do nome.

A defesa desse tipo de concepção no campo da literatura já é bastante sintomática do tipo de contradição histórica com que o escritor estava lidando. Ao esforçar-se para atingir o máximo rigor formal, o artista revela uma busca por algo que não está dado na realidade e incorre em contradições que falam justamente dessa realidade. Segundo Adorno (2011, p.186), o conteúdo de uma obra é algo que não se separa da História, e está no que ela tem de mais metódico e dominado – e não na sua irracionalidade. O rigor formal guarda aquilo que a obra tem de mais enigmático.

É por isso que a ideia do rigor formal configura uma primeira questão que se impõe para a interpretação do conto que é objeto de estudo deste artigo. O rigor se manifesta, neste e nos outros contos de detetive de Poe, tanto no nível formal quanto no exercício do trabalho do personagem do detetive, ao menos como uma busca. No entanto, conforme será descrito e discutido mais adiante, esse importante personagem incorre, especialmente no conto estudado aqui, em contradições realmente sérias. É justamente na configuração dessas contradições – dissonâncias em diversos níveis de leitura – que se encontra um material importantíssimo para reflexão sobre esse conto. Ele inevitavelmente questiona a própria possibilidade

¹ As traduções de Poe são de minha autoria.

do rigor no trabalho do detetive, que seria o de atribuir um nexa a uma realidade fragmentada. Voltaremos a essa ideia mais adiante.

Conhecer a transgressão formal que tais contradições constituem é importante para a compreensão do sentido desse conto, e observar seu lugar dentro da obra de Edgar Allan Poe e de um quadro mais amplo da literatura produzida na época contribui decisivamente para isso. O primeiro conto de detetive de Poe, “The murders in the rue Morgue”, publicado em 1841, representava uma diferenciação em relação à forma do conto moderno, então já praticada por ele e por vários escritores seus contemporâneos e especialmente popular nos Estados Unidos – embora tal popularidade tenha se espalhado pelo mundo ainda no século XIX, nas obras de escritores como Charles Dickens, Anton Tchekhov e Guy de Maupassant, entre outros. A diferenciação representada pelo conto de detetive em relação a esse conto moderno se caracterizou especialmente devido à especificidade do personagem do detetive, então o primeiro da história, cuja função é ser o agente que atribui sentido a todos os elementos da narrativa, aparentemente desconexos, e expressar tal sentido na forma da solução de um mistério, de uma resposta a uma pergunta: quem é o assassino? Por isso, esse tipo de conto também se caracteriza pelo fato de que todo o enredo e demais elementos formais da narrativa se ligam à investigação do mistério a ser desvendado.

Por sua vez, o conto “The mystery of Marie Rogêt”, apenas o segundo do gênero, já apresenta uma diferenciação com relação ao primeiro que é central demais para ser ignorada, mesmo por um leitor ingênuo: a resposta ao mistério, que daria sentido a toda a narrativa, não é apresentada – o conto é interrompido em um momento da ação que antecede a apresentação da resposta. Considerando a expectativa gerada pelo próprio enredo em torno da solução, que não existe, e outras diferenças do ponto de vista formal, se afiguram também como questões de análise importantes o porquê e quais as consequências de tal diferenciação tão significativa em sua forma.

Observemos mais de perto a forma do conto e a configuração de tais questões de análise e das importantes contradições que têm impacto no sentido dessa obra.

“The mystery of Marie Rogêt” foi publicado pela primeira vez na revista nova-iorquina *Snowden’s Ladies’ Companion*, dividido em três partes, publicadas respectivamente em novembro e dezembro de 1842 e em fevereiro de 1843. A história se passa em Paris, assim como no conto anterior (“The murders in the rue Morgue”), e é narrado em primeira pessoa, por um narrador-personagem que nunca é nomeado e que é um amigo do detetive, o Chevalier C. Auguste Dupin, que o acompanha e também o ajuda na investigação do crime.

O conto narra a investigação da autoria do cruel assassinato de uma moça chamada Marie Rogêt, que trabalhava em uma perfumaria da cidade. Dupin recebe um convite de G., o chefe de polícia, para ajudar na investigação – convite esse

decorrente de seu sucesso no esclarecimento das mortes na rua Morgue. A princípio, Dupin recusa o pedido, mas muda de ideia diante de uma proposta feita por G., cuja natureza o narrador não chega a revelar. Esse amigo do detetive pesquisa uma grande quantidade de material jornalístico sobre o caso, o qual Dupin analisa detalhadamente no conto. A narrativa é interrompida quando Dupin afirma que já sabe como dar prosseguimento à investigação já realizada pela polícia e como solucionar o caso; porém, contrariando toda a expectativa criada pela narrativa, tal solução não é revelada. Depois disso, o conto se encerra com algumas considerações do narrador, de caráter teórico, acerca de relações entre o caso ali narrado e o caso de um assassinato real, em que a narrativa feita fora baseada, e acerca do Cálculo das Probabilidades e do engano das pessoas em geral ao buscarem a verdade em detalhes.

A partir desse breve comentário sobre o enredo do conto, ficam evidenciadas as questões interpretativas que mencionamos anteriormente. A primeira delas é sobre a própria forma do conto de detetive, que havia surgido recentemente. O esforço do conto de detetive, em certo nível de leitura, é a busca de estabelecer relações entre evidências que aparentemente não se relacionam, a fim de encontrar a solução para um mistério, que nesse caso, assim como no conto de 1841, é o mesmo: a identidade de um assassino. Conforme já mencionamos, em “The mystery of Marie Rogêt” a solução do mistério, a identidade do assassino, não é revelada – transgressão formal que é bastante significativa, se considerarmos que um efeito importante construído nesse conto é a tensão em torno de tal questão.

Há também outras transformações realizadas na forma do conto de detetive que se constituem em diversos problemas importantes para a análise de “The mystery of Marie Rogêt”. No primeiro conto de detetive de Poe, “The murders in the rue Morgue”, o raciocínio de Dupin, que mistura método e intuição, o leva a elaborar uma hipótese inesperada – a de que o assassino era um orangotango. Ainda que surpreendente, essa hipótese prova a eficácia do raciocínio de Dupin porque a solução do mistério é apresentada, e ela dá sentido e nexos a todas as evidências que ele levanta. Ou seja, embora seu processo investigativo o leve a suposições que parecem absurdas ou improváveis, a solução concilia as evidências apontadas e lhes dá sentido, resolvendo qualquer caráter contraditório que o processo de investigação pudesse ter. No entanto, em “The mystery of Marie Rogêt”, o raciocínio do detetive culmina com o levantamento de hipóteses cujo caráter contraditório chama a atenção, e contribui muito para isso o fato de que a solução do mistério, que poderia apaziguar tais contradições, não é apresentada.

A seguir, vamos focar em dois aspectos centrais, cuja relação contribui essencialmente para a construção das mencionadas contradições da narrativa: a leitura crítica dos jornais feita pelo detetive e sua própria reflexão sobre as hipotéticas explicações para o crime.

Quando Dupin aceita a tarefa de ajudar a polícia a solucionar o caso, pede ao amigo que pesquise o que foi publicado sobre o crime nos jornais da cidade. Uma longa parte do conto se ocupa da apresentação textual de trechos de diversos artigos, e dos comentários críticos feitos por Dupin após sua leitura, em conversa com o amigo. Nesses comentários, o detetive basicamente se ocupa de evidenciar os problemas na argumentação dos diversos diários, que claramente apresentavam hipóteses sobre o crime – Dupin chega a comentar a total falta de esforço de qualquer um desses jornais em retratar o crime de forma imparcial. Os principais problemas que ele encontra nas teses apresentadas pelos periódicos são brevemente descritos nos próximos parágrafos.

O jornal *L'Étoile* defende a tese de que o corpo que foi encontrado boiando no rio Sena e identificado como aquele de Marie na verdade não era dela; segundo o jornal, um corpo jogado na água afundaria, e só viria à superfície no mínimo seis dias depois; tendo sido encontrado apenas três dias depois do sumiço de Marie, aquele corpo, portanto, não poderia ser dela. Já segundo Dupin, o argumento do jornal é falacioso, porque nada garante que um cadáver precise de tantos dias para emergir e, portanto, aquele corpo poderia perfeitamente ser o da vítima.

O jornal *Le Moniteur*, ao tentar enfraquecer o argumento do *L'Étoile*, descreveu casos de corpos que foram jogados na água e emergiram em menos tempo do que o apontado por aquele jornal. Embora esteja de acordo com a hipótese do detetive, para ele esse procedimento do periódico é absolutamente ineficaz, já que apenas apresenta casos que podem constituir meras exceções à regra defendida pelo *L'Étoile*; ou seja, não apresenta nada que de fato ataque essa regra e a prove equivocada em si.

Dupin evidencia mais uma falácia no artigo do *L'Étoile*: para apoiar a própria argumentação, o jornal teria adulterado o conteúdo da fala do homem que identificou o corpo encontrado no rio. Segundo o jornal, M. Beauvais teria reconhecido o corpo com base em sua observação de que havia cabelo nos braços da vítima – o que seria uma evidência muito fraca. O que Dupin afirma sobre isso é que provavelmente M. Beauvais referiu-se a alguma peculiaridade desse cabelo: a cor, a quantidade, a forma, enfim, algo que caracterizasse aquele como o braço de Marie. E o jornal teria adulterado sua fala, simplificando-a, para parecer que o reconhecimento do cadáver poderia ser questionado.

Esse mesmo jornal afirma que os objetos e demais características em que se baseou Beauvais para identificar o corpo (roupa, sapato, flores no chapéu) são gerais demais, e por isso não são evidências suficientemente confiáveis. Contra isso, Dupin afirma que não é a presença de cada objeto individualmente que permitiu seu reconhecimento como sendo seguramente de Marie, mas a presença de todos ao mesmo tempo, o que os torna evidências suficientes.

O jornal *Le Commercial* afirma que teria sido impossível uma pessoa tão conhecida como Marie andar mais do que três quadras sem ser reconhecida por alguém, no dia do seu desaparecimento. Segundo Dupin, Marie poderia perfeitamente caminhar pela cidade sem encontrar nenhum conhecido; a falha do editor desse periódico foi basear-se na suposição equivocada de que os caminhos e a rotina de Marie seriam tão regulares quanto os seus e a quantidade de pessoas que a conheciam tão grande quanto a de pessoas que o conheciam.

Dupin conclui sua leitura dos jornais com uma observação bastante enfática: “Devemos recordar-nos de que, em geral, o objetivo de nossos jornais é antes criar uma sensação, lavar um tento, que favorecer a causa da verdade”² (POE, 1997, p.104). Ele ainda complementa dizendo que a ideia de criar uma sensação tem a ver com o objetivo final dos jornais, que é o de atrair mais leitores.

O diagnóstico expresso nessas palavras de Dupin é o da impossibilidade de narrar devido a uma transformação na experiência, a qual, por sua vez, é decorrente do avanço do modo de produção capitalista e de suas consequências. Esse é o fenômeno identificado por Walter Benjamin (2000a, p.107), no seu conhecido estudo sobre Charles Baudelaire, como “atrofia da experiência”, a qual se manifesta na transformação da forma de comunicação predominante ao longo da História: a substituição da narração pela informação e desta pela sensação. Em outro importante estudo, Benjamin explica que o que acontece na passagem de uma para a outra é um processo de gradual diminuição da relação entre o narrador e o fato narrado, o qual cada vez menos se integra à experiência de quem o conta. O acontecimento passa a não mais pertencer à experiência do narrador. Segundo Benjamin (2000b, p.204),

A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver.

A falta de integração do fato narrado na experiência do narrador leva a uma atrofia da própria narrativa, que se transforma em algo muito mais fugaz, que é a notícia; em “The mystery of Marie Rogêt”, além disso, a notícia vem mais em razão de criar uma sensação que pudesse manter os leitores interessados no caso do que propriamente de informar as pessoas. Isso explicaria, ao menos em parte, a grande quantidade de problemas na argumentação dos periódicos, a linguagem sensacionalista empregada e também o seu pouco esforço em aparentar imparcialidade.

Esse mesmo fato também tem impacto, como se pode esperar, na caracterização do tipo de experiência do próprio detetive. Ele não se envolve na investigação para

² “We should bear in mind that, in general, it is the object of our newspapers rather to create a sensation – to make a point – than to further the cause of truth” (POE, 1985b, p.321).

além do seu contato com os jornais. Ele não ouve o chefe de polícia G. quando esse o visita para pedir seu auxílio no caso, não interroga nenhuma testemunha do caso, e sequer visita a cena do crime – é interessante notar que em “The murders in the rue Morgue” Dupin vai ao local dos assassinatos, e tal visita é crucial para o desvendamento do caso. Essa diferença entre os modos de investigação em cada conto por si só já é índice de uma atrofiação da experiência do próprio detetive, já observável na comparação de um conto com o outro, o que marca profundamente sua caracterização como personagem da modernidade e, portanto, tão incapaz de atribuir sentido aos fragmentos da realidade quanto qualquer outro personagem do conto. Como se verá mais adiante, esse fato tem consequências importantes para a sua interpretação.

O esforço do detetive ao analisar os artigos dos periódicos, conforme tentamos apontar na exposição de sua leitura dos jornais, foi evidenciar as teses que eles defendiam e indicar o ponto fraco da argumentação de cada um deles. O principal problema, segundo Dupin, seria a intenção dos jornais de criar sensações, mais do que descrever a realidade. Após o levantamento e a avaliação do que tem sido discutido sobre o crime, Dupin parte para a elaboração de suas próprias hipóteses. Vejamos as principais ideias discutidas pelo personagem e o raciocínio que o levou a elas.

Dupin defende a tese de que o corpo encontrado no rio era de fato o de Marie, ao contrário do que afirma o jornal *L'Étoile*. Seu interesse na defesa dessa tese tem uma motivação especialmente significativa: segundo ele, se esse corpo não for o de Marie e ela ainda estiver viva – como o periódico afirma que ela pode estar –, Dupin perderia seu trabalho, pelo qual o chefe de polícia G. lhe havia prometido um tipo de recompensa. No conto, o personagem diz: “Portanto, para nosso próprio bem, se não para bem da justiça, é indispensável que nosso primeiro passo seja a determinação da identidade do cadáver com a Maria Rogêt desaparecida”³ (POE, 1997, p.104).

Para atacar a tese do *L'Étoile*, segundo a qual o corpo encontrado não poderia ser o de Marie, Dupin discute o tempo necessário para o corpo boiar, e afirma que isso poderia ter acontecido a qualquer momento após ter sido jogado na água, pois, segundo Dupin, ele não afundaria.

Sobre o envolvimento de M. Beauvais na investigação da polícia, o detetive supõe – fazendo uso de uma linguagem bastante enfática para isso – que ele tinha interesse em Marie e que ela lhe dera esperanças. Por isso, e também pela sua grande sentimentalidade, ele poderia ter tido algum comportamento que levou o jornal a suspeitar dele.

³ “For our own purpose, therefore, if not for the purpose of justice, it is indispensable that our first step should be the determination of the identity of the corpse with the Marie Rogêt who is missing” (POE, 1985b, p.321).

Baseado na leitura da notícia de um jornal que afirma que Marie já havia desaparecido uma vez, e que se sabia que, naquela ocasião, ela havia fugido com um oficial da marinha e uma semana depois retornado para casa, Dupin supõe que a vítima teria mais uma vez fugido com um homem, provavelmente com o mesmo. Para Dupin, essa hipótese é plausível justamente pelo fato de já ter acontecido antes.

Ao discutir a possível cena do crime, o detetive se esforça para provar duas coisas: que os objetos ali encontrados só foram jogados lá *a posteriori*, não tendo sido deixados acidentalmente após o crime; e que esse crime só poderia ter sido cometido por uma pessoa sozinha, e não por uma gangue. Ele afirma que um trapo amarrado ao cadáver necessariamente fora usado como uma alça, porque o peso do corpo era demais para o assassino e ele precisaria arrastá-lo.

Uma testemunha, chamada Madame Deluc, cujo depoimento também foi publicado nos jornais, declarou ter visto em seu estabelecimento – próximo à margem do rio onde fora encontrado o cadáver – uma jovem moça acompanhada de um rapaz de pele escura e que, após a saída desse casal, uma gangue teria ido até lá, bebido, comido, e saído sem pagar. Um tempo depois, ela teria ouvido um grito de mulher e, em seguida, teria visto aquela mesma gangue passando, às pressas, para atravessar o rio. Dupin considera que a pressa da gangue descrita por Mme. Deluc não tem nada a ver com a morte de Marie, tendo sido apenas coincidência. Certamente, o depoimento da Mme. Deluc não interessava à tese que ele pretendia defender, então ele o descarta como mera coincidência. Essa senhora também reconheceu os objetos encontrados na suposta cena do crime como os da moça que tinha estado em seu estabelecimento.

Sobre a forma como o corpo teria sido jogado no rio, Dupin defende que, “naturalmente”, Marie fora jogada de um barco no rio.

Essa breve exposição das principais hipóteses levantadas por Dupin e do seu raciocínio revela uma quantidade razoável de problemas em sua argumentação. O trabalho do detetive Dupin, ao longo de boa parte do conto, consiste em ler notícias dos jornais sobre o assassinato de Marie Rogêt e apontar contradições, falácias e demais pontos fracos na argumentação dos diversos artigos divulgados pela imprensa. No entanto, a partir do momento em que Dupin começa a apresentar suas próprias hipóteses sobre o que teria acontecido no dia do crime e sobre que caminhos a investigação deveria seguir, a argumentação do próprio detetive se desenvolve com base em uma quantidade absurda de contradições e falácias, em que ele faz uso de sua intuição, travestida de método, a fim de apontar as suposições que irão orientar sua própria investigação do caso. Suas hipóteses podem ser questionadas de diversas formas: o que garante que Marie, por ter fugido com um homem uma vez (se é que tal informação procede), teria feito o mesmo dessa vez? Por que o assassino (ou assassinos) teria necessariamente

precisado de uma alça para puxar o cadáver até o rio, em vez de carregá-lo nos braços? Com base em quê Dupin afirma que cadáveres jogados na água não afundam? E por que ele acha que Marie necessariamente teria sido jogada no rio de um barco? Por que ela não poderia ter sido deixada na margem do rio, e arrastada pela correnteza? Essas são apenas algumas das questões que se podem levantar contra as hipóteses do detetive.

O fato de que Dupin declara que vai seguir uma linha de raciocínio que parte de uma hipótese que lhe favorece materialmente – “para nosso próprio bem, se não para bem da justiça” (POE, 1997, p.104) – complica ainda mais o seu papel no conto. Com essa afirmação feita logo no início de seus comentários sobre os textos dos jornais, o detetive insinua que poderá forçar uma leitura das evidências levantadas para que elas sirvam à defesa de sua tese, o que já de saída dá um alerta sobre o fato de que sua argumentação, a partir de seus mínimos pressupostos, é passível de questionamentos.

Esse dado ganha em problematicidade quando, no fechamento da narrativa, em um breve comentário supostamente escrito pelos editores da revista, a narrativa da investigação é interrompida e o leitor é apenas informado de que o caso foi resolvido e a polícia cumpriu o acordo que havia sido feito com Dupin – sem chegar a revelar o nome do culpado com que tal investigação teria culminado. Soma-se a tudo isso a afirmação do narrador na conclusão do conto, em que ele diz que seu objetivo teria sido apenas falar sobre coincidências, e seus comentários, bastante equivocados, sobre o jogo de dados.

Com isso, é possível concluir que o detetive, personagem que tem o objetivo de atribuir sentido à realidade fragmentada e misteriosa – que ele alcança no primeiro conto em que o personagem aparece –, só consegue fazê-lo nesse segundo conto forjando hipóteses que não necessariamente são corretas. O erro que ele aponta no trabalho investigativo da polícia e nos relatos dos jornais ele mesmo também comete, e ainda, de certa forma, com um tipo de interesse bastante semelhante, que é o de obter algum tipo de vantagem, seja ela financeira ou de visibilidade.

Pode-se dizer que o que o conto chega a figurar é a impossibilidade de lidar com o mistério por meio de ideias que não incorram elas mesmas em incoerências. Os obstáculos que se colocam diante de quem se propõe à tarefa de explicar a realidade são de diversas ordens: interesse material, acesso precário às informações, a atrofia da experiência e ainda o apagamento da identidade do indivíduo misturado à multidão da cidade grande – este último sendo uma característica fundamental das condições históricas de surgimento do gênero segundo Walter Benjamin (2000b, p.41). Dessa forma, o que o conto “The mystery of Marie Rogêt” faz é reiterar a ininteligibilidade de um mistério central: o desconhecimento da própria realidade, ou seja, o mistério causado pela falta de compreensão sobre a sociedade e a História, no contexto específico do avanço do capitalismo e de suas consequências, como a

urbanidade, a multidão, o individualismo, a crescente alienação do homem diante de seu trabalho e de toda a realidade à sua volta.

O conteúdo desse conto de detetive, surgido em um importante período de expansão econômica dos Estados Unidos, é intrinsecamente ligado ao seu questionamento sobre as reais possibilidades da busca de sentido na sociedade moderna que se desenvolvia no século XIX nos Estados Unidos, com consequências cujo impacto perdura até hoje. O segundo conto de detetive de Edgar Allan Poe evidencia, mais do que o primeiro, as contradições intrínsecas à própria proposta da narrativa. Elucidar um mistério, no interior de uma sociedade em que tanto a cidade quanto os bosques em volta dela se constituem como ambientes perigosos e inóspitos, em que os jornais produzem mais sensações do que informações, e em que não se tem acesso ao todo dos processos de produção de sentido – todas essas circunstâncias recentemente surgidas na experiência da urbanidade no século XIX, retratadas nesse conto e de grande relevância para a sua forma –, não parece ser uma tarefa possível.

Nesse mundo em que o fato narrado não pertence à experiência do narrador – ou seja, em que não há uma relação intrínseca entre quem narra e o que é narrado –, a verdade não pode ser abarcada em sua totalidade. Em “The mystery of Marie Rogêt”, a única forma pela qual o detetive parece encontrar uma possibilidade de devolver a ordem à realidade fragmentada e sem sentido é forçando a criação desse sentido, levantando hipóteses que não necessariamente se sustentam. O fato de a solução não ser apresentada enfatiza ainda mais esse processo de forjar explicações, uma vez que tal solução poderia conciliar discordâncias estabelecendo nexos entre as evidências. Sem a solução, tais evidências permanecem soltas, desconexas, e as hipóteses do detetive, sem solidez. E seu esforço em estabelecer tal ordem não é justificado, no conto, pelo desejo de justiça, pois esse não é declarado pelo personagem como hierarquicamente superior ao seu interesse material.

Ainda há questões muito importantes sobre “The mystery of Marie Rogêt” que merecem ser abordadas em estudos posteriores, como a importância dos jogos neste e nos outros contos do gênero, o papel dos modos de divulgação de notícia e da transformação da experiência na forma desses contos, bem como outras diferenças formais entre os três contos que possivelmente indicam transformações no gênero que dão respostas diferentes e interessantíssimas às contradições sócio-históricas que figuram.

Além disso, um trabalho que se ocupe de estudar um objeto dessa natureza assume também a necessidade de uma reflexão sobre a permanência de diversos elementos formais característicos da história de detetive até os tempos atuais, especialmente no cinema e não só nos Estados Unidos. É possível que tal permanência se explique em parte pela persistência da relação do homem com a sociedade como algo desconhecido e incognoscível. Por outro lado, as profundas transformações por

que passou essa forma – como a transposição para outras mídias, como o cinema, o uso de outros materiais, a inclusão de elementos de enredo como o romance, a violência, a aventura, entre outros – revelam que houve mudanças importantes e profundas no teor de verdade das obras desse gênero e, provavelmente, nas próprias questões históricas com as quais elas lidam. Embora o gênero possa ter declinado, se considerarmos que ele não se realiza mais hoje na forma como Poe preconizou, alguns de seus elementos formais distintivos se perpetuam, demonstrando assim o movimento dialético da mudança na arte e sua historicidade.

VILAÇO, F. de L. “The mystery of Marie Rogêt” by Edgar Allan Poe: literature and society in the United States in the 19th century. *Itinerários*, Araraquara, n.37, p.111-122, Jul./Dez., 2013.

■ **ABSTRACT:** *The objective of this article is to present a reflection about “The Mystery of Marie Rogêt”, the second detective story written by the North-American writer Edgar Allan Poe (1809-1849), aiming at revealing the historical contradictions represented in its form, especially in relation to the formal rigor principle, so important in the writer’s work, and its execution in this specific short story and in the investigation carried out by the detective Dupin. The study of this story is especially important in the context of the author’s works and of the other literary works then produced, once it represents a formal innovation both in relation to works of other existing genres and in relation to the first detective story written by Poe, “The Murders in the rue Morgue”. It is also interesting to notice the permanence of several elements peculiar to this form in several other artistic manifestations nowadays, which also indicates the permanence of important historical questions raised in that historical context of economic and urban growth in the United States in the 19th century.*

■ **KEYWORDS:** *Detective story. Edgar Allan Poe. Literature. Society. United States.*

Referências

ADORNO, T. W. **Teoria estética**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Obras Escolhidas v. III. São Paulo: Brasiliense, 2000a.

_____. O narrador. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. Obras Escolhidas v. I. São Paulo: Brasiliense, 2000b. p.197-221.

POE, E. A. **Essays and reviews**. New York: Library of America, 1985a.

_____. The mystery of Marie Rogêt. In: _____. **Selected works**. New York: Gramercy Books, 1985b. p.311-44.

_____. **Ficção completa, poesia e ensaios**. Tradução e organização de Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

Recebido em 29/12/2012

Aceito para publicação em 02/08/2013

